

CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA MATERNA EM PRÉ-SERVIÇO ATRAVÉS DA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

Silvio Nunes da Silva Júnior¹
Eliane Bezerra da Silva²

Resumo

O presente artigo objetivo refletir a importância e as contribuições da literatura para o ensino-aprendizagem de língua materna através da formação de professores. Sabe-se que, quando tratamos do ensino da literatura, algumas questões surgem em contraponto a noções já concebidas na formação acadêmica e complementar de professores de língua portuguesa. Nessa perspectiva, entendemos que a contemporaneidade delega a necessidade dos professores compreenderem as diretrizes curriculares propostas por documentos oficiais (OCEN, PCN) e, desse modo, agreguem essas peculiaridades em sua prática, trazendo, então, novos e precisos conhecimentos para a sua formação que não depende unicamente do papel da universidade. Diante disso, descrevemos, nesse trabalho, uma análise interpretativista em uma narrativa autobiográfica escrita por um estudante de letras, seguindo o viés da entrevista semiestruturada, onde o ponto de partida foi o ensino da literatura em língua materna. Assim, partindo dos relatos de vivência na academia no curso de Letras, o colaborador nos fez constatar que o contato com o ensino da literatura na universidade trouxe para a sua identidade profissional novos e mais apurados olhares sobre a importância em se estudar a literatura, a cultura e a sociedade numa mesma disciplina.

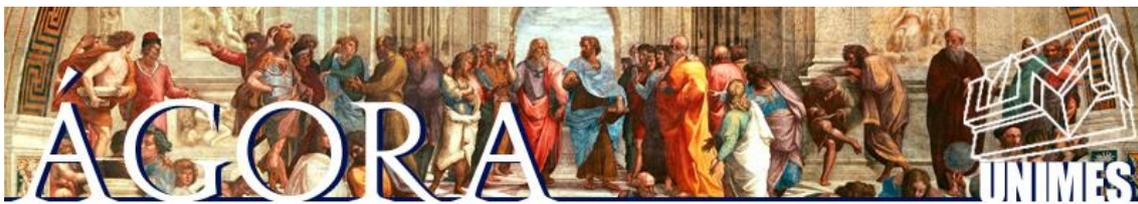
Palavras – chave: Ensino de Literatura; Contemporaneidade; Identidade.

Abstract

This article is intended to reflect the importance and contributions of literature for the teaching and learning of mother tongue through teacher training. It is known that, when dealing with the literature of education, some questions arise as opposed to notions ever conceived in academic and further training of Portuguese-speaking teachers. In this perspective, we understand that the contemporary delegates the need for teachers to understand the curriculum guidelines proposed by official documents (OCEN, PCN) and thus add those peculiarities in their practice, bringing then new and accurate

¹ Graduando em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. Bolsista PIBIC/FAPEAL.

² Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Professora Assistente de Literatura Brasileira da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL.



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

Vol.2 – Número 2- JUL.2016

knowledge for your training that It does not depend solely on the university paper. Thus, we describe in this work, an interpretative analysis in an autobiographical narrative written by a student of letters, following the bias of the semi-structured interview, where the starting point was the literature of education in mother tongue. Thus, building on the experience reports in the gym in the course of Letters, the employee made us see that the contact with the literature of teaching at the university brought to your professional identity new and more accurate views about the importance of studying literature, culture and society in the same discipline.

Keywords: Literature Teaching; Contemporaneity; Identity.

INTRODUÇÃO

O ensino superior possibilita ao profissional em formação inicial visões cada vez mais aprofundadas no que tange as diversas perspectivas que permeiam a formação inicial de todo e qualquer profissional, inclusive o professor. Durante a formação no ensino superior, a preparação para a prática docente parte, necessariamente, de teorias que construíram, com o passar do tempo, a prática profissional.

Nesse artigo refletimos sobre o ensino de literatura no ensino superior como prática importante para o ensino de língua portuguesa na educação básica, uma vez que diversas pesquisas como a de Mortatti (2014), aponta que, atualmente, a abrangência da literatura na educação básica em sendo extremamente precária principalmente no ensino fundamental, e, com isso, dificulta a compreensão dos alunos sobre o estudo dos textos literários que trazem a estes contribuições que ultrapassam os limites da sala de aula.

Assim, para concretizar o aparato metodológico da presente pesquisa, optou-se pela realização de uma pesquisa narrativa, no intuito de apresentar as concepções mais diversas sobre a implicação do ensino de literatura para a formação do professor de língua materna em pré-serviço e, por consequência, para a sua atuação profissional posteriormente, por meio de uma narrativa autobiográfica escrita por um graduando em Letras de uma IES pública.

As reflexões referentes a estrutura do trabalho se relaciona a uma discussão inicial sobre o percurso que o ensino de literatura teve ao longo dos anos, destacando alguns dimensionamentos teóricos, metodológicos e práticos sobre essa perspectiva e



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

Vol.2 – Número 2- JUL.2016

sobre os desafios e avanços da formação do professor de literatura em língua, para então partir à procedência dos dados e a discussão com base nos resultados obtidos no decorrer da pesquisa.

Constatamos, nesse sentido, que o ensino de literatura em língua portuguesa necessita de olhares mais aprofundados no que tange os documentos oficiais sobre o ensino e a formação de professores, no intuito de acatar as principais pesquisas nesse campo para entender e reproduzir a importância que a literatura possui na formação dos alunos da educação básica.

O ENSINO DE LITERATURA NUM PERCURSO DIACRÔNICO

Se, por e não sei que excesso de socialismo ou barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. (BARTHES, 1977, p. 90)

Tomadas as considerações de Roland Barthes acerca da importância da disciplina literária no currículo escolar, cabe-nos destacar a natureza multifacetada da literatura brasileira, partindo de seus primórdios até a situação atual do ensino de literatura no Brasil.

Trazida para cá pelos Jesuítas, a literatura começa a ser ensinada no país sendo empregada em duas disciplinas já existentes – Retórica e Poética, no fim do século XVI. A literatura nessa época era caracterizada por escritos clássicos em forma de poesia, cartas e os discursos dos gregos e latinos, estes eram aplicados no ensino da Retórica e da Poética que tinham como finalidade demonstrar aspectos da oratória formal e a poética que predominava na época, ou seja, um ensino dedicado a imitar a norma de excelência.

Naquela época, a leitura desses escritos servia para os alunos adquirirem conhecimentos acerca das regras de boa conduta, erudição e da prática de escrita, isto é, a literatura empregada nas duas disciplinas citadas servia mais para o convívio social do que mesmo para a sala de aula. Assim, o ensino de Retórica e Poética prevaleceu até o século XIX, sendo logo substituído pela disciplina de História da Literatura.



Dos primórdios, até meados do século XVIII, literatura significava todas as culturas, regras e modos de viver em sociedade, aonde assim, posteriormente, veio substituir as disciplinas as quais tinham as finalidades citadas, numa tentativa de modificação generalizada do currículo da época.

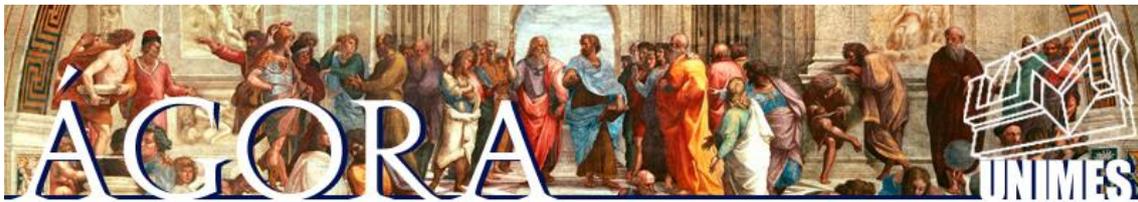
A disciplina de História da Literatura só chegou a ser totalmente abolida através do lançamento dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's no século XX. No entanto, a mudança presente no decorrer dos parâmetros corresponde à união do currículo escolar em áreas de conhecimento, nesse caso, abrangendo a Literatura, língua portuguesa, língua estrangeira e artes, cabendo a cada estado estabelecer os componentes a serem regidos pelos municípios.

Nesse sentido, a literatura ainda vem possuindo sua mesma finalidade, contribuindo com a realidade em que a sociedade se contempla e modernizando-se com o passar dos tempos, mesmo com pouca expansão e abrangência.

Considerando a importância da literatura para a compreensão da realidade e o desenvolvimento do espírito crítico, acreditamos que o aluno, depois de ter realizado um efetivo estudo de obras literárias, provavelmente sairá dessa experiência com uma apreensão mais ampla do mundo circundante, mais sensibilizado para situações que o envolvem e mais preparado para atuar como elemento modificador de sua realidade. (ZINANI & SANTOS, 2002)

É fato que o ato de “ensinar literatura” é algo de extrema importância desde as séries iniciais, até as séries finais do ensino básico. O que vivenciamos no Brasil nos dias atuais, é um ensino de literatura de certa forma longe do que deveria ser, uma vez que, até então, não foi separado do amplo ensino de língua portuguesa. A partir daí, surgem muitas concepções as quais norteiam o estudo aplicado ao ensino de literatura há muitas décadas, mas, desde que a literatura foi separada da história e empregada na grade curricular da língua portuguesa, o ensino de literatura no ensino básico brasileiro vem ficando a cada dia mais precário, ocasionando na aparição de problemas prejudiciais ao empenho do aluno em formação, com enfoque nas séries finais do ensino médio.

A literatura possibilita ao aluno habilidades discursivas para a sala de aula, como de humanísticas para a formação do aluno cidadão. As contribuições dos textos



literários não estão totalmente voltadas ao âmbito escolar e a relação professor-aluno no geral, mas sim, acompanha o discente em toda a sua jornada acadêmica, pessoal, e profissional, em outras palavras, “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CANDIDO, 2004. p.180).

O texto literário propõe ao indivíduo que o ler, novos olhares para fenômenos sociais de forma contextualizada com informações verídicas e, em alguns aspectos, fictícia. É válido ressaltar que a literatura acompanha o ser humano possibilitando-o a ficção necessária para enfrentar a vida. Dessa forma, o ensino de literatura deve ser,

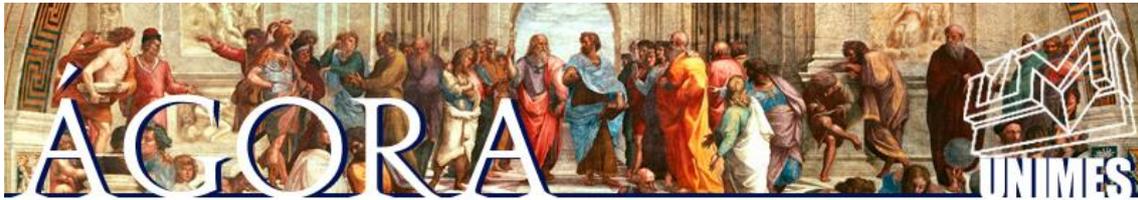
[...] centrado na experiência do leitor com a leitura objetiva colocar em evidência a troca da obra com o receptor, a partir da lógica da pergunta e da resposta dentro do próprio texto, relacionando o cognitivo com o emotivo, objetivando a fruição do texto, construindo sentidos e relacionando-os com a realidade do leitor. (ZAFALON, 2010, p.14)

Além das possibilidades já citadas, o estudo literário propõe diálogos possíveis entre leitores e autores de várias épocas, nas quais o leitor dos dias atuais poderá debruçar-se de obras idênticas às que os leitores que viveram na época do Romantismo literário liam, assim, ocasionando a troca da obra com o receptor.

É por estes e outros motivos que serão citados que o ensino de literatura legitimou-se no Brasil, não tendo a atenção que merece com grandes e lastimáveis enfoques na educação pública, pois, a literatura não se desprende do ensino de língua portuguesa que já possui suas inúmeras obrigações no que tange a gramática e a produção de textos.

Tendo em vista essa realidade, percebe-se que ao chegarem ao fim do ensino médio, os alunos dos dias atuais necessitam de conhecimentos prévios no que tange os movimentos literários já ocorridos, os autores e respectivas obras para prestar vestibulares, os quais seguem o ritmo dos Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa.

Assim como foi citado, quando o Ministério da Educação lançou os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s, em 1998, houve uma união que, posteriormente, foi



bastante contestada onde o ensino de literatura foi de certa forma “deixado de lado” tanto nos PCN’s, como na Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBN, criadas em 1996, da maneira em que uniu-se ao componente curricular: Língua Portuguesa.

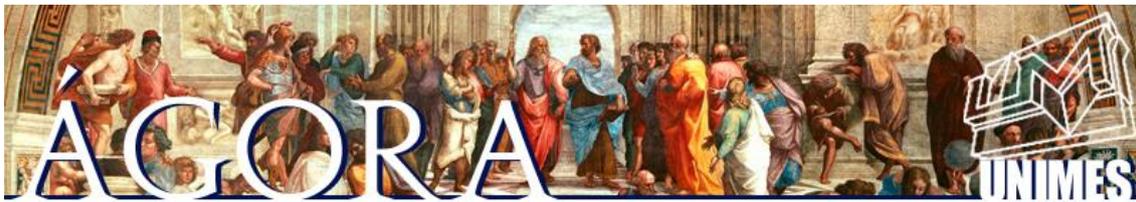
Por que não foram criados os PCN’s para o ensino de literatura? Esse questionamento já foi feito e sempre continuará sendo por parte de quem acredita na eficácia e importância do ensino de literatura que ocupa um pequeno espaço nos PCN’s da Língua Portuguesa. Num ponto de vista mais atual, observa-se que as Orientações Curriculares Nacionais reservam uma maior preocupação no que concerne o ensino de literatura, sobre as finalidades e a importância da prática de ensino, o que começou a abrir espaço para uma maior abrangência para se pensar a literatura na formação do professor em contextos de estágio e etc.

Uma vez que o ensino médio é uma etapa de grande importância na formação do estudante, este necessita de preparação eficaz em todo e qualquer componente curricular, assim, de alguma forma podem-se surgir julgamentos pré-concebidos acerca da atitude de não diferenciar oficialmente o ensino de literatura ao de língua portuguesa, mesmo sendo explícitas as contribuições das literaturas na constituição das línguas, o que estar-se querendo apresentar é a necessidade de legitimar a carga horária disposta ao ensino de literatura.

Uma das principais e mais trágicas precariedades no ensino básico brasileiro é a falta da expansão do estudo literário ocasionando no baixo rendimento dos alunos. Alega-se que se existissem os parâmetros para o ensino de literatura como disciplina obrigatória no currículo escolar, os alunos chegariam ao ensino superior com novos olhares e perspectivas acadêmicas, pessoais, e sociais, melhorando grandemente os altos índices de evasão em universidades, faculdades, e centros universitários.

O ensino médio

[...] tem um importante papel a desempenhar. Tanto nos países desenvolvidos quanto nos que lutam para superar o subdesenvolvimento, a expansão do ensino médio pode ser um poderoso fator de formação para a cidadania e de qualificação profissional. (PNE, 2001, p. 52)



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
Vol.2 – Número 2- JUL.2016

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

Reforça também a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Artigo 35, incisos II e III.

II – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

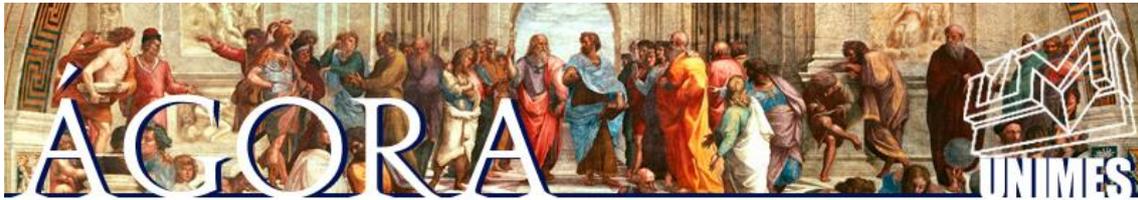
II – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; III – o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico; (2011, p. 23)

Dessa maneira, vê-se a necessidade de haver um olhar mais crítico no que diz respeito à importância do último ciclo do ensino básico na formação do aluno, sendo o ponto de partida para o mercado de trabalho, como também, a principal porta de entrada no ensino superior que exige a noção suficiente dos conteúdos abordados na área específica de estudo.

Nesse contexto, no curso de Licenciatura em Letras, o professor em formação deve adentrar na universidade tendo conhecimento no mínimo prévio no que tange a gramática normativa, a produção de textos, e, a literatura, respectivamente. É pensando nos problemas que estão na mais alta escala pelos excessos da falta do ensino de literatura que muitos estudiosos da área visam em suas pesquisas tentar amenizar o quanto podem esse problema, apontando diversas alternativas que procuram atingir primeiramente a escola e o que a norteia, até chegar ao agente de formação – o aluno, através da formação pré-serviço de professores.

As alternativas apontadas para a melhor expansão do ensino de literatura com mais ênfase no ensino médio quase sempre são elaboradas partindo do professor de língua portuguesa, que nem sempre, ou na maioria das vezes, não consegue abordar a literatura em suas aulas.

O professor por sua vez se vê em uma situação de risco quando tenta enquadrar a literatura como questão contemporânea no ensino, pois quando há cobrança, é na questão do ensino da gramática normativa e as práticas da produção de texto escrito em



sala de aula; essa cobrança vem dos responsáveis pelos alunos, e, também, por parte da coordenação pedagógica.

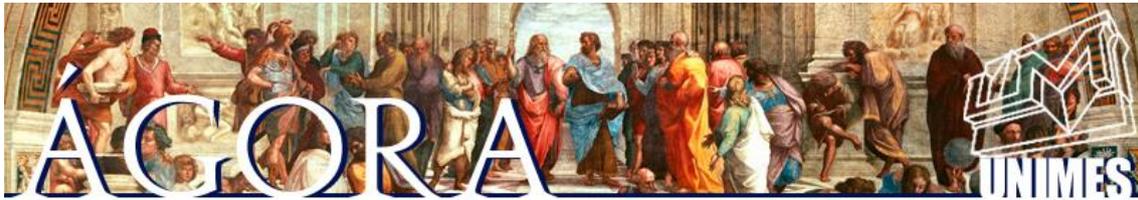
No que diz respeito à utilização do livro didático na escola, é válido destacar que o texto literário está presente, mas, nem sempre, ou quase sempre, vem como texto literário, ou seja, quando apresentados no livro didático, o texto literário vem sendo objeto material para a interpretação textual voltada à gramática normativa, em um esquema de leitura – texto - exercício.

O livro didático concebe o ensino de literatura apoiado no tripé conceito de leitura-texto-exercício [...] o conceito de leitura e de literatura que a escola adota é de natureza pragmática, aquele só se justifica quando explicita uma finalidade - a de ser aplicado, investido, num efeito qualquer. (ZILBERMAN, 1988, p.111).

Ao discutir o ensino de literatura, percebe-se que a finalidade do texto literário não é servir como mediador para o ensino de gramática, visto que assim o texto deixa de ser literário e transforma-se em um texto didático, pelo motivo de não está sendo empregado de maneira real no sentido para o qual é feito. Assim, para Bakhtin, “quando passamos o estilo de um gênero para outro, não nos limitamos a modificar a ressonância deste estilo graças à sua inserção num gênero que não lhe é próprio, destruimos e renovamos o próprio gênero” (2000, p.286).

Nesse sentido, identifica-se que o texto literário se faz presente em constante aparição no livro didático, porém, não como deveria. Ora que quando o aluno ler um texto no intuito de realizar análises morfológicas, sintáticas e/ou morfossintáticas, e interpretações de textos, o mesmo não terá o texto como algo que contribuirá na sua vida pessoal, mas sim, irá identificar o que foi solicitado pelo professor, dessa maneira, o texto (literário) passa a ser didático por não servir para a abrangência da literatura na aprendizagem.

Com isso, faz-se mister destacar que o ensino de literatura está norteado de documentos os quais definem como deve ser empregado o ensino de todos e quaisquer componentes curriculares, partindo da teoria até chegar na prática docente, onde o profissional professor, mais precisamente, o professor de língua portuguesa e literatura,



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

Vol.2 – Número 2- JUL.2016

poderá trocar conhecimentos e fazer diálogos possíveis com o sujeito em formação – o aluno.

TEORIA E PRÁTICA DO ENSINO DE LITERATURA

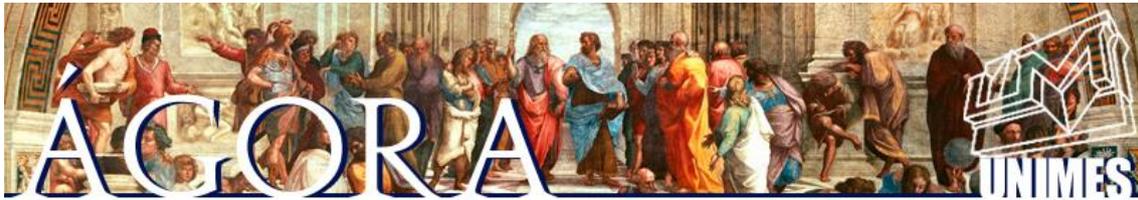
Ao iniciar uma discussão acerca da teoria e da prática aplicadas ao ensino de literatura, é viável apresentar alguns questionamentos provenientes à obra organizada por Maria Amélia Dalvi, Neide Luzia de Rezende e Rita Jover-Faleiros, intitulada: “Leitura de Literatura na Escola”, no capítulo “Aspectos metodológicos do ensino de literatura”, de Annie Rouxel.

A primeira concerne às finalidades, às intenções e aos objetivos do ensino de literatura: ensinar literatura para quê? O *para quê* determina o *como*. Métodos e finalidades estão ligados. Trata-se de aumentar a cultura dos alunos? (qual a cultura?), de formar leitores? De contribuir para a construção de suas identidades singulares ou de propiciar, pelo compartilhamento dos valores, a elaboração de uma cultura comum, o sentimento de pertencimento a uma comunidade nacional? Esses elementos não se excluem e compõem o espectro das possibilidades entre as quais é lícito escolher ou não escolher. (ROUXEL, 2013, p. 17)

O ensino de Literatura em Língua Portuguesa vem para contribuir, aprimorar e influenciar o ensino e a aprendizagem em língua materna partindo de uma perspectiva recepcional e constitutiva da identidade do sujeito aluno. Assim, a prática do ensino de literatura na escola deve partir do princípio da sua verdadeira necessidade.

Tendo em vista a necessidade do homem de conhecer a literatura, destaca-se na teoria a causa dessa necessidade. De modo mais específico: o que foi criado pelo homem deve ter serventia para o homem.

A literatura, como qualquer outra arte, é uma criação humana, por isso sua definição constitui uma tarefa tão difícil. O homem, como ser histórico, tem anseios, necessidades e valores que se modificam constantemente. Suas criações – entre elas a literatura – refletem seu modo de ver a vida e de estar no mundo. Assim, ao longo da História, a literatura foi concebida de diferentes maneiras. Mesmo os limites entre o que é e o que não é literatura variaram com o tempo. (AMARAL et. al., 2003, p. 15).



Diante do que assinala Amaral, vê-se que a literatura faz com que o sujeito leitor reflita acerca do mundo a sua volta, e sobre a vida em seu sentido amplo, pois, a literatura está em constante movimento, acompanhando cada avanço do tempo na sociedade.

Na educação brasileira, pode-se explicitar que na maioria dos casos o primeiro contato do aluno com o ensino de literatura acontece no ensino médio, assim, anteriormente o contato prendia-se a um ponto de vista superficial, onde nem sempre a literatura era empregada. No ensino médio, a presença da literatura no ensino de literatura em língua portuguesa vem através de fragmentos e textos os quais levam ao estudo específico da vida dos autores, deixando na maioria das vezes de lado, o estudo do texto literário em seu sentido *scrito*.

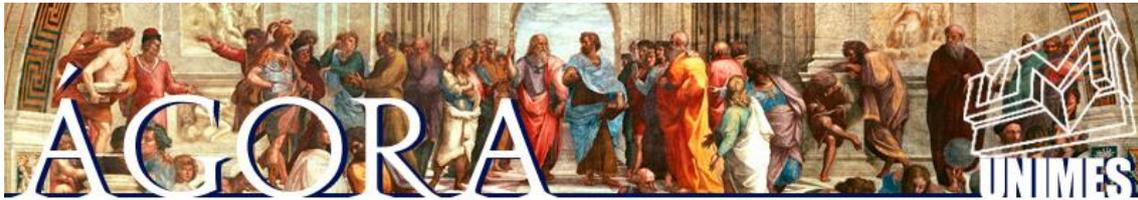
Partindo dessas reflexões, é pertinente destacar que o estudo de literatura no ensino médio não ultrapassa os limites da sala de aula, desse modo, apresentando essa categoria dos estudos da linguagem como não sendo importante comparando com as outras contidas no currículo escolar.

Nesse sentido, pode-se destacar a partir dessas práticas que o professor de língua portuguesa vê-se na obrigação de apresentar a literatura mesmo superficialmente para os alunos, pois, logo mais a cobrança contida no ENEM e nos demais vestibulares começam a aparecer, onde assim, o aluno que não estiver preparado irá sentir a consequência após o término do ensino médio.

Voltando os olhares a perspectiva didática de ensino, é interessante destacar que,

Ensinar literatura brasileira e literatura portuguesa, com base na descrição de seus estilos de época, de suas gerações, autores e obras mais importantes tornou-se um expediente tão comum nas escolas, que para muitos professores é praticamente impossível imaginar uma prática de ensino diferente dessa. (CEREJA, 2005, p.89)

É possível observar que os professores situaram os métodos de ensino em uma só prática, isto é, a prática de ensino de literatura com base na descrição dos estilos em suas respectivas gerações transformou-se na única medida cabível para ensinar literatura na escola.



Nesse contexto, cabe ressaltar que alguns professores têm em mente que o aluno mesmo em pouco tempo tem que aprender literatura,

A ideia de que um jovem quando sai do liceu tem “que” saber literatura é uma das mais absurdas que conheço; a literatura, para a maior parte das pessoas, não há de ser um objeto de conhecimento concreto, mas um instrumento de cultura e uma fonte de prazer. Há de servir ao aperfeiçoamento intelectual e há de produzir um prazer intelectual. Portanto não se trata de “saber”; trata-se de ler literatura e amá-la. (LANSON *apud* COLOMER, 2007, p.37)

Mediante as palavras acima apresentadas, vê-se que a literatura por muitos é vista como objeto ou estrutura, o que não deveria acontecer, uma vez que trata-se de uma manifestação artística, e como tal, contribui significativamente para a formação do aluno como cidadão, como também, para o conhecimento intelectual, como queiram.

Com isso, vê-se que a literatura cumpre seu papel como manifestação artística no ensino, contribuindo na formação do leitor e na vivência em geral, assim, diante das discussões apresentadas, pode-se ver que a teoria do ensino da literatura em língua portuguesa norteia a possível prática, assim, o ensino de literatura, diferente de outros, aproxima em grande escala a teoria da prática.

Ao tratar da prática do ensino de literatura, visto que essa prática é oriunda da leitura de textos literários, cabe destacar alguns conceitos de leitura importantes. Silva (2006) assinala que leitura, literatura e teoria literária devem caminhar juntas no ensino por três motivos importantes.

Leitura, literatura e teoria literária deveriam estar estreitamente relacionadas no meio escolar, devido a vários motivos, dentre os quais citamos:

- a própria natureza interdisciplinar do ato de ler que envolve contribuições de diversas áreas. No caso da leitura literária, o ato de ler é influenciado por estratégias cognitivas, lingüísticas, metalingüísticas, conhecimento do policódigo literário, noção de gênero literário, estilo de época no qual o texto está inserido, enfim, um conjunto de noções determinantes na interação do leitor com o texto;
- o fato de a significação do texto literário ser construída a partir da participação efetiva do receptor, o que torna evidente as relações dinâmicas entre a literatura e o leitor;
- a teoria literária só existe em função da leitura e da literatura: esse é outro aspecto a ser considerado quando se trabalha o texto literário em sala de aula. A teoria literária deve estar presente na escola, subsidiando a prática do



professor, no sentido de ampliar concepções críticas sobre o fazer literário e a recriação do texto pelo leitor, o que só ocorre no ato da leitura. (SILVA, 2006, p. 514-515)

A leitura como prática eficaz, eficiente e imprescindível a ser desenvolvida no âmbito escolar deve ser adotada pela escola mais efetivamente, pois, a realidade da educação brasileira no que apontam os índices de desenvolvimento educacional não são tão satisfatórios, e um dos fatores responsáveis por esses índices coincide com a falta de leitura na escola, nesse sentido, os diversos tipos de conhecimento dos alunos estão prejudicados e tendem a estar cada vez mais pela falta da leitura na escola, uma vez que se não há leitura, nunca haverá literatura na escola.

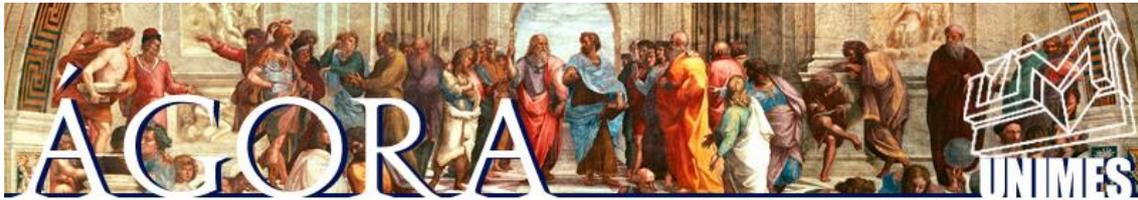
O texto literário quando lido e sentido pelo leitor, acarreta em uma conversação entre interlocutores ocasionando a recepção literária, uma vez que o texto literário não é apenas um amontoado de palavras aleatórias sem contribuição para o leitor, isto é, o texto literário provém de uma manifestação artística, esta – a literatura.

A prática do ensino de literatura, de certo modo, pode ter uma dimensão errada quando aplicada ao ensino, uma vez que o texto literário deve surtir efeito com sua essência, mais precisamente, com sua natureza. Nessa perspectiva o texto literário deve ser trabalhado em sala de aula de modo que desde a estrutura até a produção de sentidos sejam estudadas tanto pelo aluno, quanto pelo professor, pois, esse é o intuito do poder humanístico da literatura em seu sentido macro³.

Na verdade, a questão do literário e do não-literário passa também pela questão da ideologia e dos códigos que organizam os diversos saberes. Cada época estabelece o que é literário ou não. Cada nova escola ou manifestação redefine o estético e incorpora novas maneiras de ler o mundo. O que não era estético ontem pode ser estético amanhã. Na medida em que a teoria e a prática da escrita evoluem, evolui também o conceito público do que seja literatura (SANT'ANNA, 2001, p. 65-66).

No que tange o livro didático de linguagens e códigos, observa-se que primordialmente continham nos capítulos dos materiais elaborados pelas editoras, trechos de obras literárias, poemas, poesias e dentre outras características literárias, o

³Macro: grande, abrangente.



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

Vol.2 – Número 2- JUL.2016

que se ver hoje em dia é a expansão da natureza didática em forma de análises gramaticais com o texto literário, dessa maneira, o texto perde sua finalidade, e apóia-se no tripé citado por Zilberman (1988).

A análise literária deve estar presente não só no ensino superior, uma vez que o curso de letras exige essa prática para a formação do professor de língua portuguesa e literatura. Assim, a partir da experiência efetiva do docente em formação durante a preparação, deve ocasionar numa expansão mesmo que estreita, mas empregada em sala de aula na educação básica.

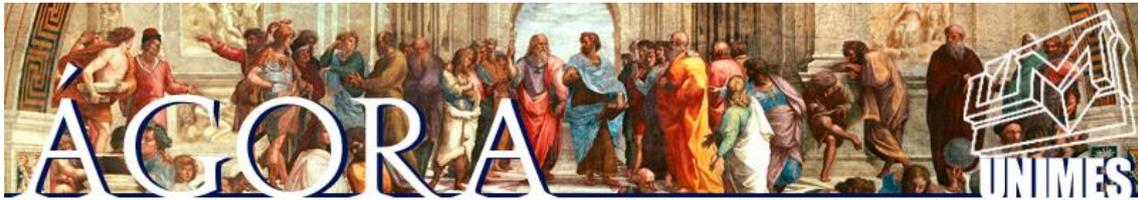
Ao contatar com a literatura no ensino básico, o aluno como sujeito em formação, constitui capacidades até então desconhecidas em seu trajeto escolar, essas sendo: aprimoramento de um senso crítico, capacidade de interpretação e compreensão na escola e na sociedade, e dentre outras.

Com isso, percebe-se que ao ensinar literatura o professor proporciona ao aluno mais que uma aula presa as paredes da escola, mas sim, experiências que irão contribuir em seu caráter humanístico e cultural.

Se a literatura é arte em palavras, nem tudo que é escrito pode ser considerado literatura, como já dissemos. Essa questão, entretanto, não é tão simples assim, visto que a linha que divide os campos do literário e do não literário (sic) é bastante tênue, confundindo-se muitas vezes (BRASIL, 2006, p. 55).

Diante do que explicita as Orientações Curriculares Nacionais, pode-se destacar que a literatura abrange uma tênue, e esta envolve a teoria e a prática desse ensino que deve estar cada vez mais presente no ensino de língua portuguesa, tendo em mente a verdadeira noção de texto literário e sua contribuição na formação do aluno e do professor.

Contudo, vale refletir a seguir o papel do profissional mais importante da sociedade primordial e atual, este sendo o professor, atuando como sujeito transformador e mediador da construção de mentes críticas e humanas, assim, capazes de conviver e contribuir significativamente na sociedade.



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

Vol.2 – Número 2- JUL.2016

O PROFESSOR DE LITERATURA

Tendo o aluno como agente em formação que frequenta a escola no intuito de construir os degraus da aprendizagem visando oportunidades no futuro, destaca-se o profissional que serve como mediador de cada um desses degraus – o professor.

A profissão de professor vai muito além de “escrever e explicar conteúdos em sala de aula”, o professor por sua vez tem função social, política e cultural, ou seja, as contribuições do professor para com o aluno e a comunidade escolar são imensas, entretanto, necessitam de mais reconhecimento e valorização, tendo em vista que o trabalho docente é feito na escola, esta sendo âmbito de formação social e intelectual dos indivíduos que ali estão para aprender e trocar experiências socioeducativas.

De acordo com os PCN's.

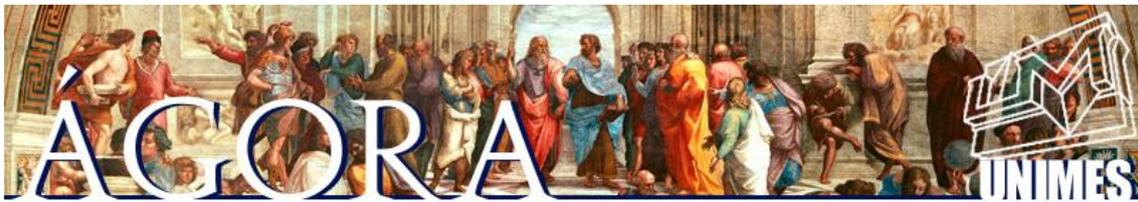
Ao professor cabe planejar, implementar e dirigir as atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno, procurando garantir aprendizagem efetiva. Cabe também assumir o papel de informante e de interlocutor privilegiado, que tematiza aspectos prioritários em função das necessidades dos alunos e de suas possibilidades de aprendizagem. (BRASIL, 1998, p. 22)

Diante do que transmite a legislação, percebe-se que o aluno em processo de aprendizagem necessita exclusivamente do professor para realizar todas as tarefas mencionadas, ao contrário, seria impossível integralizar o processo de ensino-aprendizagem na escola.

O planejamento tem seu papel fundamental por organizar o sistema educacional, ou seja, ao planejar, o professor estará elaborando um roteiro que norteará a aula, possibilitando um equilíbrio no que tange os conteúdos a serem abordados em sala de aula, banindo a repetição durante esse período.

Para Luckesi (s/a, p. 115)

O ato de planejar, como todos os outros atos humanos, implica escolha e, por isso, está assentado numa opção axiológica. É uma "atividade-meio", que subsidia o ser humano no encaminhamento de suas ações e na obtenção de resultados desejados, e, portanto, orientada por um fim. O ato de planejar se



assenta em opções filosófico-políticas; são elas que estabelecem os fins de uma determinada ação. E esses fins podem ocupar um lugar tanto no nível macro como no nível micro da sociedade.

A capacidade planejamento educacional por parte do professor vem sendo considerada uma das técnicas mais eficientes para o trabalho docente, ao planejar o professor vai criar tópicos, divisões, numerações, recursos, cronogramas, ou seja, vai criar e utilizar o seu próprio roteiro facilitando o trabalho profissional. É planejando que o professor vai programar suas atividades de intervenção pedagógica no âmbito escolar.

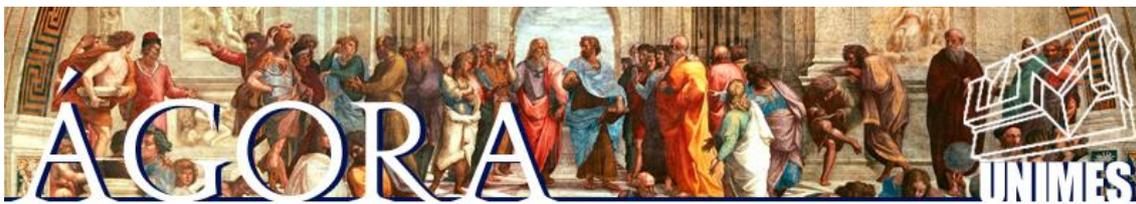
O profissional do ensino é alguém que deve habitar e construir seu próprio espaço pedagógico de trabalho de acordo com limitações complexas que só ele pode assumir e resolver de maneira cotidiana, apoiando necessariamente em visão de mundo, de homem e de sociedade. (TARDIFF, 2002, p.149)

Assim, o professor por sua vez tem por obrigação respeitar seus limites e construir seu próprio espaço pedagógico, fazendo com que de maneira significativa se possa haver uma maneira proveitosa de ensino-aprendizagem, onde o professor estará seguindo seu próprio contexto de trabalho, melhorando significativamente a aprendizagem do aluno que depende do professor para construir seu aprendizado individual.

Diante disso, percebe-se que quando se voltam os olhares para a segunda fase do ensino fundamental, e ao foco principal – o ensino médio; vê-se que a tarefa docente divide-se em “disciplinas por professor”, é nesse contexto que vislumbra-se abordar o papel do professor de Língua Portuguesa e Literatura no ensino médio como profissional capaz de planejar e desenvolver suas atividades pedagógicas no que tange esse ensino que de certa forma está atingindo uma precariedade preocupante.

É papel do professor de Língua Portuguesa e Literatura abranger em sala de aula, conteúdos acerca da gramática normativa, da produção textual, e do enfoque principal – a literatura.

Tendo em vista as exigências partidas do apoio pedagógico das escolas, é viável ressaltar que o ensino de literatura em língua portuguesa tem sido deixado de lado, ou seja, o professor é mais cobrado nas partes citadas anteriormente (gramática normativa e



produção de textos), e como se sabe, o currículo escolar da língua portuguesa exige algumas horas aula para o trabalho com literatura, visando ressaltar as contribuições da mesma para a formação do aluno que ler e escreve.

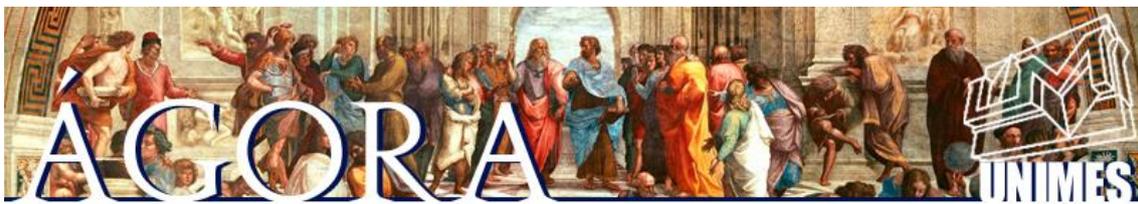
Ao ser determinada a atuação na área supracitada, o professor deve ter em mente que irá proporcionar ao aluno experiências utilizando a língua escrita, como também desenvolver suas práticas discursivas.

[...] quanto mais à escola se aproxima das práticas sociais em outras instituições, mais o aluno poderá trazer conhecimentos relevantes das práticas que já conhece, e mais fáceis serão as adequações, adaptações e transferências que ele virá a fazer para outras situações da vida real. (KLEIMAN *apud* MENDONÇA & BUNZEN 2006, p. 17)

As práticas sociais citadas nada mais são do que as práticas de letramento crítico. Sendo os letramentos as capacidades e habilidades de língua escrita, o letramento crítico vai além, adaptando essas habilidades ao meio sociocultural em que o aluno se insere. Nesse sentido, Kleiman visa, sobretudo destacar que o papel do professor deve contar com a presença constante de todos os que fazem a escola para que se constitua a troca de conhecimentos, uma vez que o aluno deve estar ciente do que está estudando e sendo cobrado para que traga suas experiências sociais para dentro do âmbito escolar, fazendo com que o trabalho do professor seja de fato satisfatório.

Cabe ao professor de Língua Portuguesa uma das tarefas mais impulsivas existentes no currículo escolar, pois, tendo o dever de abordar conteúdos gramaticais, de produção textual, como também o ensino de Literatura, em uma carga horária que apesar de ser a mais extensa ainda se torna pequena, o professor ver-se em um difícil panorama para planejar e realizar uma separação adequada para o trabalho em sala de aula. Visto que os conteúdos a serem abordados possuem um nível elevado de complexidade, percebe-se que, assim afirma Wittke (2012), os documentos norteadores elegem o texto como principal objeto de ensino nessa perspectiva.

Considerando a complexidade de gêneros textuais que circulam em nossa sociedade contemporânea e a importância que tal materialidade discursiva exerce no processo de interação verbal, é possível entender a ênfase que os PCNs voltados ao ensino de língua materna atribuem a seu ensino no meio



escolar. O referido documento elege o texto como objeto de ensino e sugere a prática de escuta, análise de elementos linguísticos, leitura e produção de textos dos diferentes gêneros que o aluno precisa dominar para que possa exercer sua efetiva participação social, pertencendo eles aos mais variados campos discursivos tais como: literários, publicitários, jornalísticos, didáticos, científicos, tanto na modalidade da fala como da escrita. (WITTKE, 2012, p. 581)

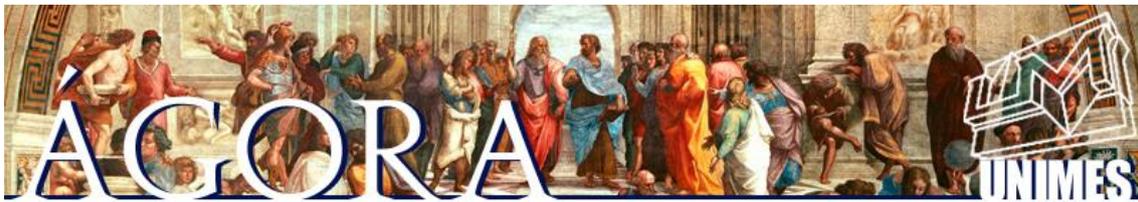
Nesse sentido, vê-se um distanciamento do ensino de literatura para com o ensino de língua portuguesa, onde o texto literário é citado apenas uma vez como um dos variados campos discursivos. Ora que gênero textual e gênero literário não são sinônimos, percebe-se que o campo textual em geral vem tendo uma demasiada expansão, dificultando o trabalho docente; assim, o professor vai utilizar o texto literário em uma perspectiva presente constantemente no material didático distribuído pelo governo federal, onde o texto literário transforma-se em um texto didático servindo como objeto para a interpretação de textos em gramática, no entanto, isso pode ocorrer, porém relacionando o desenvolvimento das potencialidades expressivas e de produção criativa, propostas pela literatura em seu sentido macro⁴.

O texto literário pode ser utilizado no ensino de língua materna ou da gramática; contudo, mesmo nessas circunstâncias, ele se relaciona, antes de tudo, a atividades que, para se mostrarem coerentes com a denominação das disciplinas que as abriga, têm em vista o desenvolvimento das potencialidades expressivas e produção criativa dos estudantes. (ZILBERMAN, 1988, p. 125)

Portanto, o texto literário não se pode desprender da verdadeira finalidade na qual a literatura se situa. A literatura além de suas contribuições para o ensino possui contribuições humanísticas imprescindíveis, ou seja, além de “[...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (COSSON, 2007), utiliza essa compreensão para as relações de caráter humanístico dos indivíduos. Assim como complementa Oliveira,

Zilberman ressalta ainda que, se por um lado, o ensino do 2º grau passa a atender às exigências daqueles que precisavam de uma formação técnica, perdendo seu caráter “elitista” e abrindo mão assim de sua “orientação

⁴ Macro: amplo.



humanística” originária, por outro lado, esse ensino não deixa de atender aos alunos do nível intermediário que dele necessitavam para a entrada na universidade. (OLIVEIRA, 2008, p. 31)

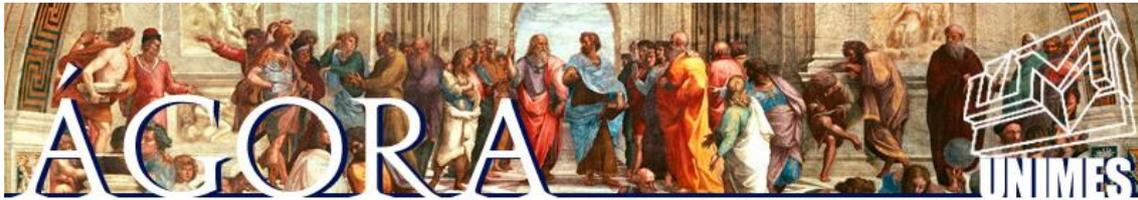
Tomando como base o que foi apresentado, destacam-se mais uma das tantas responsabilidades do professor de língua portuguesa no ensino médio (antigo 2º grau), uma vez que o ensino é regrado pela preparação para direta ou indiretamente entrada no mercado de trabalho, ou seja, boa parte dos alunos saem do ensino médio diretamente para o mercado de trabalho, e outros ingressam no ensino superior em busca de novas habilidades técnicas intelectuais e trabalhistas.

Já para o ingresso no ensino superior a exigência se torna ainda maior diante da questão: o conhecimento em literatura é cobrado em alta escala nos exames de seleção! Mediante essa questão, quando os resultados obtidos não são satisfatórios o principal alvo das críticas sociais é justamente o professor que não planejou, como também, não realizou uma divisão da carga horária de Literatura em Língua Portuguesa, até então não realizada oficialmente.

Quando nos Parâmetros Curriculares Nacionais o ensino de Literatura ocupa um pequeno espaço, tanto para o ensino fundamental, como para o ensino médio; os vestibulares realizados pelas universidades públicas e privadas do Brasil, fazem a separação até então não feita nos parâmetros, o que na maioria das vezes ocasiona em resultados lastimáveis nessa categoria.

Já no que dimensiona o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, a Língua Portuguesa, a Literatura e a Língua Estrangeira Moderna (Inglês ou Espanhol) vêm em uma só categoria “Linguagens, Códigos e suas tecnologias”. Mesmo estando em uma porcentagem mínima no ENEM, o ensino de língua portuguesa determinado pelos PCN’s é acatado, no entanto, na mínima escala em que o ensino de literatura se enquadra, exige-se conhecimento significativo dos conteúdos apresentados no conteúdo programático.

Como se trata de um exame que avalia o ensino médio como um todo, onde dependendo do desempenho ocasiona no ingresso no ensino superior, a exigência não parte do princípio da série final, mas sim, de todo o ensino médio; assim, avaliando



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

Vol.2 – Número 2- JUL.2016

desde o aluno que se submete a prova, passando pela escola de ensino médio, o município em que a escola está situada, e o estado.

Percebe-se que os resultados do ENEM implicam em índices correspondentes a diversas hierarquias até chegar ao aluno, por esse motivo, deve-se haver uma conscientização necessária da hierarquia maior – o país; para que as menores como o estado, o município, até chegar na escola, siga o mesmo ritmo, conscientes de que o ensino de literatura é imprescindível, indispensável e muito importante, e que sem o investimento necessário no agente de formação no que tange o ensino-aprendizagem, não será possível reverter uma situação que há anos pede socorro, principalmente no ensino público. Para que, então, a modificação aconteça desde o início do ensino básico, chegando ao fim de maneira satisfatória, melhorando em alta escala – a educação brasileira.

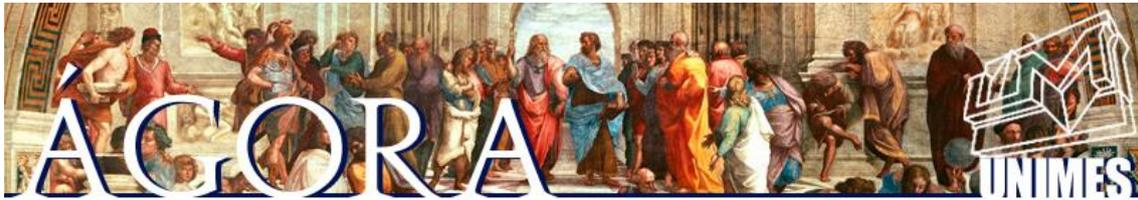
A PROCEDÊNCIA DOS DADOS

A pesquisa que aqui será descrita está empregada na perspectiva de análise de narrativas autobiográficas.

[...] na pesquisa narrativa ocorre um distanciamento dos métodos científicos positivistas, que pregam a separação entre o sujeito - detentor do conhecimento - e o objeto - que deve ser observado e estudado de acordo com os princípios da objetividade, neutralidade e universalidade para obtenção de dados fiáveis. (BOHNEN, 2011, p. 15)

Buscamos, a priori, partir de um pressuposto fiável que, sobretudo, mostrasse-nos as principais questões que nortearam a formação do professor de literatura em pré-serviço havia enfrentado até o momento em que produziu a narrativa biográfica.

A coleta de dados foi realizada numa turma do 4º período do curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Solicitamos, embasados na pesquisa qualitativa semi-estruturada (OLIVEIRA, 2010), que os alunos narrassem o que, diante do que já estudaram até o momento, a literatura trouxe de novo para a formação dele como humano e futuro professor.



Após a coleta denominamos a narrativa de um dos colaboradores, aqui disseminado como “João”, por questões de ética da pesquisa científica, como sendo foco da discussão realizada no tópico a seguir.

DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Sabemos, diante das considerações apresentadas no decorrer desse trabalho, que a literatura, em si, tem como finalidade contribuir para a formação humana através das transformações históricas e culturais que toda sociedade está apta a sofrer com os avanços da contemporaneidade.

No início da narrativa, João vislumbrou relevantemente essa finalidade:

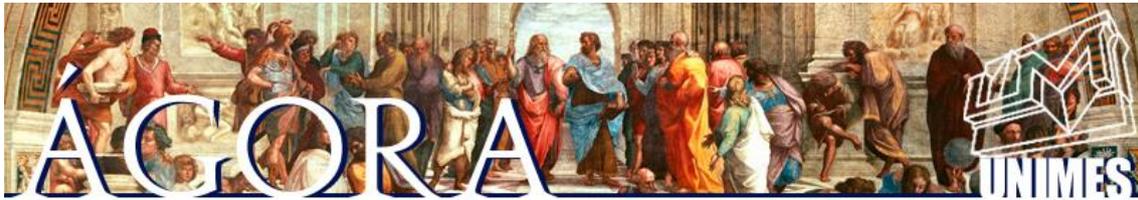
Sempre soube da importância da literatura para a formação do aluno, mas, me questionava sobre os motivos em que os meus professores de língua portuguesa, na educação básica, não traziam literatura para a sala de aula, aquilo me inquietava bastante em saber que a literatura brasileira é tão rica, e na escola eu não podia ter contato com esses textos de forma efetiva.

João até pode ter contatado com a literatura na educação básica, porém, uma questão que merece destaque aqui é a utilização do texto literário para fins didáticos, ou seja, de que adianta trazer textos literários para a sala de aula se esse não será utilizado em sua verdadeira finalidade?

A inquietação de João começou, naturalmente, durante o ensino médio:

Esse momento de auto-questionamento veio no final do ensino médio, quando, observando o conteúdo programático do ENEM percebi a grande exigência do governo federal sobre a literatura, confesso que me senti perdido em ver tamanha diversidade de conteúdos.

Uma das questões cada vez mais abrangidas em estudos sobre o ensino de literatura é, justamente, o ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio que, em suma, é a maior chave para o ingresso de alunos no ensino superior público. O principal ponto de partida que o professor de língua portuguesa deve se situar é que o “leitor de literatura é



alguém que escolhe ler porque descobriu o prazer de ler” (PERNAMBUCO, 2012, p. 85)

Nas palavras de João:

Sempre gostei de ler. Desde criança essa prática me deixava deslumbrado, me sentia realizado por compreender aquela multidão de palavras. Hoje posso afirmar que a literatura brasileira é muito rica e que demorei bastante para descobrir as suas mais diversas formas de contribuir para a minha formação como professor.

João percebe, nesse sentido, que a literatura é um dos pontos mais necessários para a construção da formação e, para tanto, da identidade profissional do professor de língua materna e suas literaturas, respectivamente. Literaturas porque a língua portuguesa não pertence apenas ao Brasil, e sim a diversas províncias que, com suas histórias, construíram suas literaturas para serem apreciadas em todo o mundo.

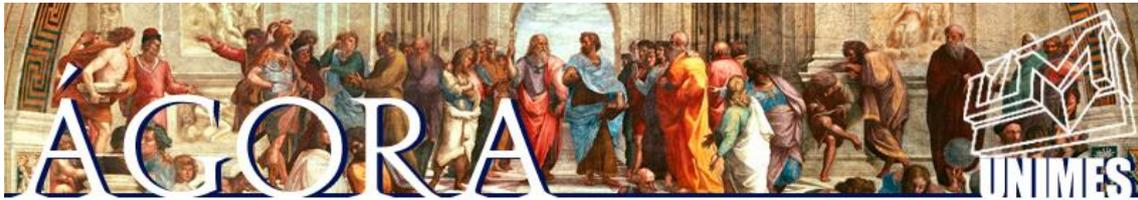
Ingressei no curso de letras achando que por um instante iria aprender tudo o que pertence a gramática, mas quando iniciei o curso a visão era totalmente diferente. Aqui tem literatura!

Quando João expressa: Aqui tem literatura!, remete-nos à afirmação de Freire:

Um dos aspectos importantes dos saberes que atravessam a literatura é que esta estimula a curiosidade dos leitores, responde à necessidade que todos temos de imaginação, devaneio, sonho, de ouvir histórias, de compartilhar com os outros, enfim, um patrimônio cultural comum. (FREIRE, 2010, p. 192)

O momento em que João contata com a literatura no ensino superior, está, ao mesmo tempo, respondendo a uma necessidade da sua própria imaginação, uma vez que já havia se habituado com a carência da literatura no ensino básico.

Não posso afirmar que não tive nenhum contato com a literatura no ensino básico, mesmo assim não posso afirmar que esse contato contribuiu com muita precisão na formação de meus colegas de classe que hoje não estão tendo a mesma preparação que eu. Eram filmes, poucos filmes, seguidos de resumos e mais resumos, lembrando que essa preocupação veio poucos meses antes das tão exigentes provas de vestibulares.



João relatou nesse trecho uma ilustração da precarização do ensino de literatura que até os dias atuais alerta a educação, principalmente no que tange o ensino público. A literatura cinematográfica e, sem dúvidas importante, porém, necessita de planejamentos estratégicos, de modo em que trabalha com as TIC, como também, com a exibição audiovisual de uma obra literária.

João, assim, encerra a narrativa:

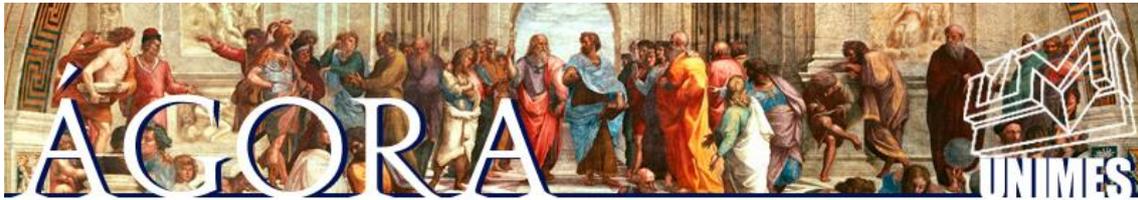
Preciso e quero fazer diferente. Vejo que os anos que passei e passarei na universidade servirão bastante para a minha prática como professor. Meus alunos virão a literatura e igual a mim sentirão ela, os novos professores devem mudar cada vez mais a educação no país.

Percebemos, dessa maneira, que o professor de língua materna em pré-serviço está tendo uma formação literária suficiente para construir em si um perfil profissional contemporâneo. Que a educação precisa e deve mudar em diversos aspectos, porém, variadas partes devem se unir para ocasionar numa mudança transformadora e significativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões que expomos no presente estudo, constatamos a relevância de retomar alguns pontos importantes mencionados no decorrer das discussões, os quais servirão de suma importância para abordar variadas questões que norteiam o ensino de literatura em língua portuguesa, implicando em mudanças positivas na teoria, na metodologia e na prática pedagógica que envolve a formação do professor de língua portuguesa na formação pré-serviço.

Entendendo o longo percurso que o ensino de literatura percorreu, é interessante lembrarmos que os avanços foram de grande relevância para a emancipação do ensino de língua portuguesa. Podemos considerar que o estudo do texto literário requer uma retomada de épocas passadas que constituíram a cultura do país e de outras localidades,



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

Vol.2 – Número 2- JUL.2016

permitindo o conhecimento de múltiplas questões. Com isso, o professor que tem a obrigação de apresentar essas informações geradoras de conhecimento estará levando aos alunos contribuições diversas adquiridas, principalmente, durante a formação pré-serviço.

Quando tratamos da teoria e da prática do ensino de literatura, observamos que tamanhos estudos realizados em território nacional e estrangeiro permite que, na criação de documentos oficiais, a literatura seja observada com outros olhos, implicando positivamente na escrita desses documentos. Uma das implicações desses estudos pode ser vista explicitamente quando comparamos os PCNS às OCENS sobre o ensino de língua portuguesa e, por consequência, de literatura.

Ao refletir o papel do professor de literatura, na união entre um tópico abordado e a análise dos dados, vê-se que os resultados da pesquisa foram satisfatórios, uma vez que o olhar do colaborador corrobora em grande escala com o que tratamos no decorrer do trabalho, fazendo-nos acreditar que haverá mudanças significativamente positivas na prática de ensino de literatura em língua portuguesa. Constatando também que a formação inicial em Letras vem cumprindo o seu importante papel.

REFERÊNCIAS

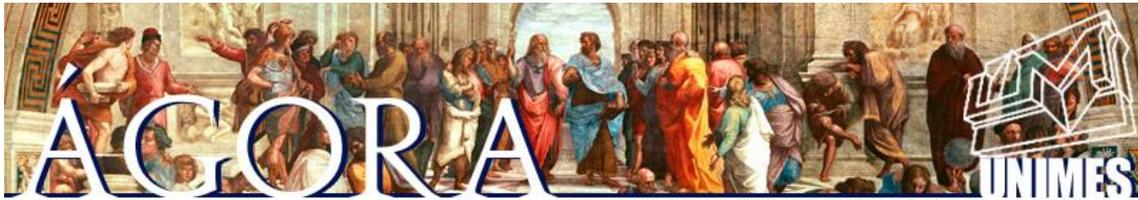
AMARAL, Emília et al. **Novas palavras**. São Paulo: FTD, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARTHES, R. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1977.

BOHNEN, Neusa Teresinha. **A jornada do herói: a narrativa autobiográfica na construção da identidade profissional do professor**. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, 2011. 108p.

BRASIL, Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96**. Brasília : 1996.



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

Vol.2 – Número 2- JUL.2016

BRASIL, Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias.** Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. Lei n. 10.172, de 9/1/2001. **Plano Nacional de Educação.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2001.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários Escritos.** Rio de Janeiro: Duas cidades, 2004.

CEREJA, William Roberto. **Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura.** São Paulo: Atual, 2005.

COLOMER, Teresa. **Andar entre os livros: a leitura literária na escola.** São Paulo: global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2007.

FREIRE, J. A. T. Os saberes da literatura e a formação do leitor. **EntreLetras (Online)**, v. 1, p. 191-208, 2010.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Planejamento e Avaliação na Escola: articulação e necessária determinação ideológica.** Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_15_p115-125_c.pdf Acesso em 13. Fev. 2016.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Na história do ensino da literatura no Brasil: problemas e possibilidades para o século XXI. **Educar em Revista (Impresso)**, p. 23-43, 2014.

MENDONÇA, M.; BUNZEN, C. Sobre o ensino de língua materna no ensino médio e a formação de professores: introdução dialogada. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (orgs.) **Português no ensino médio e formação do professor.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

Vol.2 – Número 2- JUL.2016

OLIVEIRA, Almir Almeida de. Observação e entrevista em pesquisa qualitativa. **Revista FACEVV**, Vila Velha, nº 4, jan./jun. 2010, p. 22-27.

OLIVEIRA, Gabriela Rodella. **O professor de português e literatura: relações entre formação, hábitos de leitura e prática de ensino.** Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2008. 273p.

PERNAMBUCO, Secretaria Estadual de Educação. **Parâmetros para a Educação Básica no Estado de Pernambuco: Língua Portuguesa.** Recife: SEE-PE, 2012.

ROUXEL, A. Aspectos metodológicos do ensino de literatura DALVI, Maria Amélia; RESENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs). **Leitura de Literatura na Escola.** São Paulo: Parábola, 2013.

SANT'ANNA, Affonso Romano. **Paródia, Paráfrase e Cia.** São Paulo: Ática, 2001.

SILVA, Lilian Lopes Martins da. **A escolarização do leitor: a didática da destruição da leitura.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis: Vozes, 2002.

WITTKÉ, C. I. Perfil contemporâneo do professor de língua: um pesquisador. **Travessias (UNIOESTE. Online)**, v. 6, p. 572-588, 2012.

ZAFALON, Mírian. **A incidência do mito em “confissões de uma viúva moça” e “a mulher de preto” (contos fluminenses), de Machado de Assis.** Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, 2010. 105p.

ZILBERMAN, R. **A leitura e o ensino da literatura.** São Paulo: Contexto, 1988.

ZINANI, C.J.A.; SANTOS, S.R.P. dos. Ensino da literatura: lugar do texto literário. In: ZINANI, C.J.A. et al. **Transformando o ensino de língua e de literatura: análise da realidade e propostas metodológicas.** Caxias do Sul, RS: Educus, 2002.



Silvio Nunes da Silva Júnior

Graduando em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. Bolsista PIBIC/FAPEAL.

Eliane Bezerra da Silva

Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Professora Assistente de Literatura Brasileira da Universidade Estadual de Alagoas.

Artigo recebido em 13/02/2016

Aceito para publicação em 11/08/2016

Para citar este artigo:

JÚNIOR, Silvio Nunes da Silva; SILVA, Eliane Bezerra da. CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA MATERNA EM PRÉ-SERVIÇO ATRAVÉS DA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA. Revista Ágora. Unimes Virtual. Vol. 2 – Número 2 – Agosto 2016 – Disponível em:

<http://periodicosunimes.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=formacao&page=index>